

# O POEMA COMO EXPRESSÃO DE CONFLITO: “A ÁRVORE DA SERRA” SOB DIFERENTES INTERPRETAÇÕES

Wesley da Silva Meira

wesley.meira@ufms.br

Instituto Federal de Mato Grosso do Sul

V Seminário de Pós-graduação do IFMS – SEMPOG IFMS 2025

**Resumo.** *Este artigo propõe uma análise crítica do poema “A árvore da serra”, de Augusto dos Anjos, a partir de uma abordagem que considera o texto poético como experiência estética, simbólica e crítica. Inicialmente, apresenta-se uma leitura estruturada do poema, com destaque para sua construção formal, elementos linguísticos e os conflitos simbólicos presentes. Em seguida, são exploradas diferentes interpretações críticas da obra, encontrados em dissertações e teses, que apontam leituras ecológicas, sociopolíticas, biográficas e psicanalíticas. Como resultado, é possível concluir que o poema transcende a oposição entre natureza e cultura, tornando-se uma metáfora rica sobre as tensões humanas, afetivas e existenciais. Ao discutir essas múltiplas camadas de leitura, defende-se que a poesia de Augusto dos Anjos convoca o leitor a uma experiência profunda de interpretação, marcada pela sensibilidade e pelo estranhamento, mas que ainda há lacunas que precisam ser melhor analisadas para enriquecer a fortuna crítica acerca do poema.*

**Palavras-Chave.** *Augusto dos Anjos, A árvore da serra, Fortuna crítica.*

**Abstract.** *This article proposes a critical analysis of the poem “A árvore da serra” (The Tree of the Mountains) by Augusto dos Anjos, based on an approach that considers the poetic text as an aesthetic, symbolic, and critical experience. Initially, a structured reading of the poem is presented, highlighting its formal construction, linguistic elements, and symbolic conflicts. Next, different critical interpretations of the work are explored, found in dissertations and theses, which point to ecological, sociopolitical, biographical, and psychoanalytic readings. As a result, it is possible to conclude that the poem transcends the opposition between nature and culture, becoming a rich metaphor for human, affective, and existential tensions. In discussing these multiple layers of interpretation, it is argued that Augusto dos Anjos' poetry invites the reader to a profound experience of interpretation, marked by sensitivity and strangeness, but that there are still gaps that need to be better analyzed to enrich the critical fortune of the poem.*

**Keywords.** *Augusto dos Anjo, The Tree of the Mountain, Critical Fortune.*

**Resumen.** *Este artículo propone un análisis crítico del poema «A árvore da serra» (El árbol de la sierra), de Augusto dos Anjos, a partir de un enfoque que considera el texto*

*poético como una experiencia estética, simbólica y crítica. En primer lugar, se presenta una lectura estructurada del poema, destacando su construcción formal, los elementos lingüísticos y los conflictos simbólicos presentes. A continuación, se exploran diferentes interpretaciones críticas de la obra, encontradas en disertaciones y tesis, que apuntan a lecturas ecológicas, sociopolíticas, biográficas y psicoanalíticas. Como resultado, se puede concluir que el poema trasciende la oposición entre naturaleza y cultura, convirtiéndose en una rica metáfora sobre las tensiones humanas, afectivas y existenciales. Al discutir estas múltiples capas de lectura, se defiende que la poesía de Augusto dos Anjos convoca al lector a una profunda experiencia de interpretación, marcada por la sensibilidad y la extrañeza, pero que aún hay lagunas que deben analizarse mejor para enriquecer la fortuna crítica sobre el poema.*

**Palabras clave:** Augusto dos Anjo, El árbol de la sierra, Fortuna crítica.

## INTRODUÇÃO

A obra de Augusto dos Anjos, tradicionalmente marcada por um vocabulário cientificista, imagens de decomposição e um niilismo radical, apresenta em “A árvore da serra” uma tensão poética distinta. Nesse poema, há um deslocamento do foco temático para a relação entre o humano e a natureza, articulada por meio de uma construção lírica sensível, em que a árvore deixa de ser apenas elemento do cenário natural para assumir estatuto simbólico.

A oposição entre pai e filho configura o núcleo dramático do poema e se desdobra em diversos níveis interpretativos, desde um embate geracional e ideológico até uma leitura psicanalítica do desejo e da repressão. Além disso, o poema desafia o leitor ao propor uma sensibilidade animista, que confere alma às coisas, especialmente à árvore da serra, enquanto denuncia um olhar utilitarista que visa apenas à funcionalidade e à ordem prática.

Partindo da concepção de que o texto poético é expressão das tensões humanas, este artigo propõe uma análise crítica do poema “A árvore da serra”, de Augusto dos Anjos, articulando sua estrutura formal aos conflitos simbólicos nele contidos. A leitura do poema é acompanhada de um diálogo com a fortuna crítica produzida sobre ele, abrangendo interpretações que vão do campo ecológico e social à dimensão psicanalítica e autobiográfica.

Dessa forma, este artigo propõe uma leitura analítica e crítica do poema, com base em sua estrutura formal, nos recursos linguísticos e nas tensões internas do texto. Em

diálogo com diferentes perspectivas da fortuna crítica, como as propostas por Santos (2009), Ferreira (2011), Aleixo (2008), Vivaldo (2013) e Soares Feitosa, busca-se refletir sobre como o poema opera como metáfora das relações humanas e das dinâmicas de poder, desejo e subjetividade. Ao considerar essas leituras, defende-se a ideia de que “A árvore da serra” é um dos exemplos mais potentes da capacidade que a poesia tem de condensar conflitos simbólicos e provocar reflexões que permanecem urgentes.

### **A leitura de poesia é uma experiência**

É interessante observar como a leitura de poemas nos coloca em conflito com os aspectos vivos da linguagem. A poesia perturba, inspira, inquieta e desperta diversas sensações através das poucas palavras entrelaçadas e permeadas de sentido. Exige do homem a capacidade de síntese e, ao mesmo tempo, ser profundo. Temos a necessidade de nos expressar, comunicar, criar, recriar e reorganizar o mundo exterior e interior por meio da palavra. Estudar poemas é, portanto, estudar a expressão humana. Candido afirma:

O estudo do texto importa em considerá-lo da maneira mais íntegra possível, como comunicação, mas ao mesmo tempo, e sobretudo, como expressão. O que o artista tem a comunicar, ele o faz à medida que se exprime. A expressão é o aspecto fundamental da arte e, portanto, da literatura. (Candido, 2006, p. 27).

O texto poético é um organismo vivo que nos mostra como compreendê-lo por meio dos seus modos de ser. Para Goldstein (2004), esse modo de ser é estarmos sujeitos as associações construídas pelo som, pelos vocábulos, pelas categorias gramaticais, pelo texto e contexto. Por isso a leitura do poema implica sentir as sensações e deixarmos sermos guiados pela rede de sentido entrelaçada entre as palavras e sensações, “sensações as quais não podemos afirmar veementemente serem as mesmas do autor”, como explica Ferreira (2011, p. 63), porém, podemos afirmar que são frutos das vontades e inquietações do poeta sobre o mundo em que vivemos,

Todo poema é construído sob a técnica, mas sem deixar de lado a inspiração. Precisamos analisá-lo, portanto, sob diferentes campos: fonético, lexical, sintático, semântico e entre outros. Para Candido, “Todo poema é basicamente uma estrutura sonora. Antes de qualquer aspecto significativo mais profundo, tem essa realidade liminar, que é um dos níveis ou camadas da sua realidade total”. (Candido, 2006. p. 37). Assim como Candido, Goldstein (2004) explica que o poema tem uma unidade fruto de características

próprias como em toda obra de arte, e como em procedimento didático é possível isolar alguns de seus elementos para analisar, sem perder de vista essa unidade.

Portanto, não há uma receita para a interpretação de um poema. “Cabe ao leitor ler, reler, analisar e interpretar”. (Goldstein, 2004, p. 11). Por este aspecto penso que ler poesia é uma experiência única. É uma vivência que transcende o simples decodificar de palavras, trata-se de um encontro entre a subjetividade do leitor e a singularidade da obra. A poesia exige entrega, sensibilidade e disponibilidade para o estranhamento, pois, como arte da linguagem, ela reorganiza o mundo e o pensamento a partir do olhar do poeta, mas se realiza plenamente no olhar do leitor. Deixo a seguir o meu olhar sobre um dos poemas de Augusto dos Anjos e o olhar de parte da fortuna crítica a cerca dele.

### **Augusto dos Anjos e o poema “A árvore da serra”, leituras e interpretações**

Enquanto muitos poemas de Augusto dos Anjos expressam um pessimismo profundo sobre a existência humana, "A árvore da serra" traz um questionamento sobre essa visão, mostrando um eu lírico que vê brilho e importância em todas as coisas. O poema apresenta um "animismo", onde a árvore é personificada e vista com o estatuto humano através de um vínculo profundo de alma com o eu lírico, fato não tão comum em outros poemas do autor que focam expressivamente na decomposição, putrefação e morte.

Além deste fato, embora o poeta seja conhecido por sua linguagem científica e rebuscada, o poema em questão usa uma linguagem mais acessível e direta, se diferenciando de outros poemas presentes na obra *Eu e outras poesias*. Assim, neste artigo, primeiro faremos uma leitura analítica dos conflitos presentes no poema, em seguida apresentaremos uma breve discussão sobre parte da fortuna crítica escrita a respeito desses conflitos, para deste modo tecer alguns comentários a respeito das análises apresentadas.

#### **A ÁRVORE DA SERRA**

— As árvores, meu filho, não têm alma!  
E esta árvore me serve de empecilho...  
É preciso cortá-la, pois, meu filho,  
Para que eu tenha uma velhice calma!

— Meu pai, por que sua ira não se acalma?!  
Não vê que em tudo existe o mesmo brilho?!  
Deus pôs almas nos cedros... no junquilha...  
Esta árvore, meu pai, possui minh'alma!...

— Disse — e ajoelhou-se, numa rogativa:  
“Não mate a árvore, pai, para que eu viva!”  
E quando a árvore, olhando a pátria serra,

Caiu aos golpes do machado bronco,  
O moço triste se abraçou com o tronco  
E nunca mais se levantou da terra!

*Augusto dos Anjos<sup>1</sup>*

O presente poema é marcado pela escolha de uso da forma clássica: o soneto. Há, portanto, uma forma fixa com dois quartetos e dois tercetos metrificados em versos decassílabos. Suas rimas são, em sua maioria, ricas, pois pertencem a classes gramaticais diferentes, consoantes pois apresenta semelhança de consoantes e vogais e precisamente interpoladas.

Dentro do campo fonético, é possível observar que mesmo bem metrificado, as demarcações tônicas e átonas parecem não interferir no ritmo da leitura e no sentido expreso. Porém, a utilização de alguns sinais de pontuação como pontos de exclamação, interrogação e reticências são reveladores do conflito entre a racionalidade e a emotividade, proporcionando uma leitura mais lenta e enfática até o último terceto, cujo a leitura torna-se mais rápida como os golpes do machado na árvore devido à falta de pontuações expressivas.

Este soneto anjosiano também apresenta caráter narrativo, com o desenvolvimento de um conflito entre pai e filho, apresentação de um clímax por meio da rogativa do filho e da ação do pai em cortar a árvore e o desfecho trágico da morte simbólica do filho, características dos textos em prosa. Além deste fato, é possível perceber o uso de travessões, aspas, verbo dicendi, e presença de um narrador nos tercetos do poema.

---

<sup>1</sup> ANJOS, Augusto dos. **Eu e outras poesias**. 42. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1998, p. 39.

Como apresentado, o poema é construído em cima de conflitos, contradições, tensões e antíteses. Há o choque entre negação pelo pai da existência de almas em plantas, presente no primeiro verso da primeira estrofe do poema, e a convicção pelo filho de que existe brilho e alma nas plantas conforme apresentado no segundo e terceiro versos da segunda estrofe do poema, isto é, a materialidade contra a espiritualidade. Também há a antítese entre a vida e a morte, o corte da árvore indica a satisfação da necessidade do pai, ou seja, a continuidade de sua vida, sua velhice calma, enquanto para o filho o corte da árvore indica a morte de sua alma, que, aqui, talvez, tenha uma visão panteísta da realidade.

Há a antítese da insistência contra a resistência. O pai resiste aos argumentos do filho que insiste que a visão racional do pai está errada. Em primeiro lugar, o filho apresenta a vontade do pai em cortar a árvore como uma atitude levada por um sentimento negativo: a “ira”, sendo, desta maneira, uma atitude mais emocional do que racional. Pessoas dominadas pelo sentimento de ira, tendem a não tomar a melhor atitude/escolha no momento em que executa suas ações e, conseqüentemente, se arrependem posteriormente.

Em segundo lugar, o filho apresenta a relação do divino com a realidade, através da comparação, pois em tudo existe o mesmo brilho: a alma, o estatuto do humano, está para o filho em todas as coisas, desde as mais ínfimas e insignificantes como o junquilha até nas mais nobres e cobiçadas como o cedro. Em terceiro lugar, o filho demonstra a proximidade e vínculo que possui com a árvore, cujo argumento se refere a árvore fazer parte da sua existência, possuente da alma dele por meio dos pronomes demonstrativo e possessivos, respectivamente, “esta” e “minha”.

Sabe-se que uso de pronomes demonstrativos pode indicar proximidade ou distância e situar seres, objetos ou ideias no tempo e no espaço em relação às pessoas do discurso. No caso do poema, o uso do pronome “esta”, no segundo verso da primeira estrofe e no quarto verso da segunda estrofe, indica a proximidade dos sujeitos líricos, pai e filho, com a árvore, e demonstra que não é qualquer árvore que é uma barreira para a vida tranquila do pai e possuente alma do filho, mas sim uma em específico: a árvore da serra que intitula o poema.

Por fim, o filho utiliza da súplica ao se ajoelhar e dizer em rogativa: “Não mate a árvore, pai, para que eu viva!”, na segunda estrofe do primeiro terceto. Contudo, nenhuma das ações tomadas pelo filho surte efeito para uma mudança de pensamento do pai sobre a árvore da serra. Para o pai, a necessidade é ter uma velhice calma e a árvore é uma barreira

para que seu objetivo seja cumprido, barreira esta individual que é marcada pelo uso do pronome pessoal oblíquo átono da primeira pessoa do singular “me” presente no segundo verso da primeira estrofe “[...] *me* serve de empecilho” e pela primeira pessoa do singular “eu” presente no quarto verso da primeira estrofe “para que *eu* [...]”. O que demonstra um comportamento egocêntrico por parte do pai, em não reconhecer ou se importar com os sentimentos e necessidades dos outros, no caso, seu filho.

Uma vez que a árvore da serra não demonstrou ser um problema para uma sociedade e sim para um único indivíduo, o pai. O desfecho desse poema com veias narrativas é melancólico, a verdade é apresentada por meio da personificação no terceiro verso da terceira estrofe no último terceiro. A árvore olha a pátria serra, unido a um gerundismo “olhando” que implica na continuidade do olhar da árvore à pátria, faz-nos inferir que ela, de fato, possuía alma. E o preço da verdade é a morte simbólica do filho, de sua alma, que se agarra triste ao tronco e hiperbolicamente nunca mais se levanta da terra.

Simbolicamente, penso que o poema representa uma crítica às relações de poder e dominação presentes nas famílias e na sociedade, a partir do egocentrismo observado na tomada de decisão do pai, aquele que detém o poder, que não leva em consideração os argumentos do filho. Assim como os sujeitos que detém o poder na sociedade e tomam atitudes que resolvem seus problemas pessoais e não aos problemas de que o povo suplica. Neste mesmo sentido, há o ponto de vista ecológico, a defesa de um objeto a princípio inanimado, à árvore, mas que de igual maneira é importante para a vida humana, demonstrado pela personificação da alma na árvore e pelo triste fim simbólico do filho.

Na dissertação de mestrado de Iara Maria Carvalho Medeiros dos Santos foi possível perceber uma visão da poética de Augusto dos Anjos em “A árvore da serra” como um caminho para a reinvenção do humano, a partir da reflexão profunda do convívio entre homem e natureza. Sua leitura e análise insere o poema em uma tradição crítica anticapitalista, onde a defesa do meio ambiente é indissociável da defesa da vida em todas as suas formas. Para a pesquisadora:

No poema “A Árvore da Serra”, presenciamos o ataque destrutivo ao meio ambiente, por meio da mutilação de uma árvore. Notamos, ainda, o quanto o domínio irracional das forças da natureza se estende ao tratamento desumano direcionado às subjetividades que não coadunam com os valores mercantis e individualistas da sociedade moderna. (Santos, 2009, p. 113).

Conforme analisa Santos (2009), o poema anjosiano aproxima a natureza da condição humana. A cena de destruição de uma árvore não é significativamente apenas uma denúncia ambiental, mas se configura como metáfora da violência estrutural da sociedade moderna. Para ela o corte da árvore representa tanto o ataque ao meio ambiente quanto a supressão simbólica das subjetividades que não se ajustam aos valores dominantes da sociedade neoliberal, especialmente os valores mercantis e individualistas, típicos da modernidade capitalista.

De um lado, o pai, que representa a lógica pragmática e utilitarista da sociedade moderna, enxerga a árvore apenas como obstáculo a ser removido. Do outro, o filho, que expressa uma visão sensível, espiritual e ecológica que observa a árvore como um ser com alma, parte de um todo sagrado. Essa oposição simboliza o domínio racional, mas desumanizado, que separa o homem da natureza e nega valor ao que não produz lucro ou conforto material.

Santos (2009) explica há na poética de Augusto dos Anjos um “nihilismo utópico”, o que à primeira vista parece contraditório, mas é extremamente preciso. No poema, a destruição leva à morte, à perda e à desesperança. No entanto, o próprio gesto do filho em ajoelhar-se, implorar, suplicar e se sacrificar é um apelo ético profundo. Isto porque quando o pai mata a árvore, ele não destrói apenas um ser natural, mas também algo do próprio filho, a sua sensibilidade, sua ligação afetiva com o mundo natural, sua visão ética e espiritual.

Neste sentido há uma representação da supressão das subjetividades que não se encaixam nos padrões da sociedade capitalista, demonstrando também as relações de poder e dominação. Santos ainda apresenta que:

Nesse sentido, “A Árvore da Serra”, de Augusto dos Anjos, imbuí-se de um pessimismo revolucionário que alerta para a urgência de se pensar as relações do homem com a natureza de uma forma mais consciente e sensata. Ao denunciar o produtivismo irresponsável de que se vale o mercado capitalista, enxergando a natureza como um “empecilho” que merece ser explorado até a exaustão, o poema anjosiano se vale de uma luta ecológica que é, por conseguinte, uma luta anticapitalista. Por esse motivo, não evoca a morte como uma fatalidade, mas sim como possibilidade de encontro com a Mãe Terra, árvore e sujeito abraçados na queda que, das raízes do chão, faz germinar um novo conceito de homem aliado à resignificação dos paradigmas de convivibilidade. (Santos, 2009, p. 117).

Logo, no poema, árvore não é objeto, mas sim sujeito e extensão da própria vida humana. E nos tempos de colapso ambiental e crise de sentido em que vivemos, a poesia

de Augusto dos Anjos se mostraria visionária ao nos fazer lembrar que matar a árvore é matar também uma parte essencial de nós mesmos. Matar aquilo que nos faz viver. Outros pesquisadores como Vivaldo (2013) negam a existência do “nihilismo utópico” proposto por Santos.

A árvore, nesse caso, não seria um símbolo de resistência ou reconciliação, representando a possibilidade de uma nova relação do homem com o mundo. Dado que a natureza em Augusto dos Anjos não é redentora, nem utópica, mas profundamente trágica, destrutiva e indiferente. O pesquisador escreve: “[...] a Natureza anjosiana é justamente a “mãe-madrasta” (como sempre: vide Leopardi) e que devora os próprios filhos – e de uma fome infinita e caótica (ainda que completamente indiferente ao homem)”. (Vivaldo, 2013, p. 135).

Em vez de “Mãe Terra”, temos uma “mãe-madrasta” que devora os filhos. Nesta interpretação, portanto, a Natureza não é abrigo nem saída, mas parte integrante do nihilismo radical que marca a obra de Augusto dos Anjos que nega o sentido, o progresso, a finalidade e até mesmo a possibilidade de redenção. É o eco de um mundo já sem promessa, sem futuro, sem sentido, apenas matéria, decomposição e caos visíveis na obra *Eu* do poeta. (Ferreira, 2011).

Outra leitura possível é encontrada na tese de doutorado de Aleixo (2008) que traz a visão de críticos literários como Horácio de Almeida e Antônio Martins Filho que relacionam alguns elementos biográficos especulados da vida do poeta Augusto dos Anjos ao poema “A árvore da serra”. Segundo esses críticos árvore mencionada no poema seria uma metáfora que poderia simbolizar uma moça por quem o poeta teria se apaixonado.

Nessa leitura, o desejo do pai em cortar a árvore se explicaria pela rejeição desse relacionamento amoroso, considerado impróprio pela família. Essa hipótese daria sentido ao último verso da primeira estrofe do poema, que de outro modo permaneceria ambíguo quanto ao motivo da árvore perturbar a “velhice calma” do pai. Isto nos gera a mesma dúvida apresentada no ensaio de Soares Feitosa no *Jornal da Poesia*: “O soneto *A árvore da serra*, um poema ecológico ou a paisagem de um assassinato?”

Isto porque haveria amarguras de Augusto dos Anjos em seus poemas principalmente relacionados as atitudes da sua mãe em sua vida e por este motivo a presença sempre muito grata do pai na obra do poeta e o desamor pela mãe, ausente em toda a obra. No ensaio, Soares escreve sobre a história de Francisca, filha do vaqueiro que

trabalhava na fazenda do engenho dos pais de Augusto dos Anjos, a quem o poeta havia se apaixonado e a quem é negada a união pela família aristocrata do poeta.

Quase como a parábola do joio e do trigo, o “junquilha”, planta de espécie comum e em certos contextos uma erva daninha, indesejada naquele espaço, representaria, portanto, a moça. E os cedros corresponderia as mulheres de famílias nobres a quem a mãe do poeta gostaria que Augusto se casasse. Nas palavras de Soares: “Assombrei-me. Fazia sentido. O junquilha, aquele matinho insignificante, como se fosse um capim rústico (a filha do vaqueiro, a pobrezinha); e os cedros, as moças paraibanas, do coronelato dos engenhos senhoriais, Nordeste zelindoregueano”.

Como o amor de Augusto por Francisca não poderia ser correspondido, o destino fatídico foi o corte deste laço amoroso, simbolizado pela morte da árvore e consequentemente a morte da alma do poeta. Aleixo (2008), no entanto, é contrário a essa ideia, pois o eu-lírico no poema não se posiciona apenas em defesa da alma que “habita” na árvore que o pai pretende eliminar, como também amplia seu apelo em benefício de todas as almas que residem nas outras árvores da natureza.

Em sequência, o pesquisador enfatiza que ao invocar essas entidades semelhantes, o eu-lírico constrói sua defesa e fundamenta seu argumento para buscar convencer o pai de sua visão. Assim, se a árvore central do poema é entendida como a representação alegórica de uma jovem amada e protegida por Augusto dos Anjos, conforme propõe Horácio de Almeida e outros críticos, qual seria, então, o simbolismo das demais árvores, igualmente habitadas por almas que não deveriam ser ceifadas? Essa questão não é respondida pelo pesquisador, sendo uma retórica para refletirmos.

Já Ferreira (2011) em sua dissertação de mestrado, faz uma análise comparativa entre o poema “A árvore da serra” e os outros poemas do livro *Eu e outras poesias*, diante pressuposições teóricas psicanalistas. Primeiro, Ferreira escreve:

No poema “A árvore da serra”, o eu poético é ainda muito jovem, provavelmente uma criança e pede a seu pai que não corte a árvore que possui a sua “alma”, ou seja, a “alma do eu poético”. O caráter místico e animista está nessa união entre pessoa-árvore. A união entre “árvore” e “moço” é tão forte que a dor de um se confunde com a dor do outro [...]. (Ferreira, 2011, p. 54).

É possível perceber que o pesquisador associa a imagem do eu lírico a uma criança pela visão do filho no poema, que sugere uma visão de mundo menos contaminada pelos valores pragmáticos ou utilitaristas do mundo adulto, bem como à sensibilidade extrema e

à pureza que são valores bem encontrados na infância. Ferreira ainda descreve que o a união entre o filho e a árvore é tão forte que a dor de um se confunde com a dor do outro.

Ora, se as dores se confundem, significa que a relação entre o sujeito lírico e a árvore é tão intensa que ultrapassa o plano racional e alcança o plano do simbólico, ele não apenas sente empatia pela árvore, como também sente a dor dela como sua. A intensidade do vínculo com árvore é tamanha que seria possível afirmar, portanto, o caráter animalista. Outro destaque se refere ao pai:

Um detalhe interessante é que a palavra “pai” aparece aqui com letra minúscula, ou seja, o pai é para o eu poético menino apenas um pai e nada além disso. Porém, nos poemas que narram o pai morto, a palavra pai aparece escrita com maiúscula. A partir da convalescença do pai, este ganha valor maior para o eu. O eu poético adulto passa a sacralizar o pai a partir da proximidade da morte deste, como por exemplo, nos quatro sonetos dedicados à morte do pai, todos já analisados aqui. (Ferreira, 2011, p. 54).

Na visão do pesquisador, a diferença na escrita da palavra "pai" com letra minúscula no poema “A árvore da serra” e maiúscula em poemas sobre a morte podem refletir uma mudança na percepção do eu poético. Inicialmente, o pai é visto como um indivíduo comum, um pai entre outros. No entanto, com a proximidade da morte e a subsequente perda, o pai ganha um valor sacralizado, representado pela maiúscula na escrita.

Este contraste na escrita, portanto, dialoga com poemas anteriores que celebram a figura paterna após sua convalescença e morte, especialmente nos três sonetos dedicados à morte do pai (soneto I: A meu pai doente; soneto II: A meu pai morto e Soneto III) que foram analisados pelo pesquisador. Para Ferreira, provavelmente há um contexto autobiográfico na obra de Augusto dos Anjos que se entrelaçam entre si. Outro ponto destacado é o desejo sexual presente nas obras e para o pesquisador há uma relação com o poema aqui analisado:

Também é possível interpretar a árvore como uma metáfora. Esta é uma hipótese muito provável numa interpretação psicanalítica. O pai teria “castrado” o desejo do filho na infância. Esse desejo infantil era provavelmente um desejo de natureza sexual e talvez edipiana, ou seja, uma atração pela mãe somada a um misto de sentimentos antagônicos [amor e ódio] direcionados ao pai. (Ferreira, 2011, p. 55).

O pesquisador ainda descreve que:

No soneto “A árvore da serra”, o menino desejaria a mãe, mas o pai lhe tolhe o desejo, “a árvore”, causando mágoa ao menino. Esse trauma não

teria sido totalmente superado, por isso a reincidência na vida adulta. Reincidência esta que aparece no soneto II: “Saí para ver a Natureza”. O eu, não acorda o Pai, ao contrário, o eu, sai e vê a “Natureza” – o eu estaria relembando o episódio de sua infância, quando o pai cortara a sua “árvore”. Isso seria um luto antecipado. O eu poético estaria trabalhando as suas significações, reorganizando os seus valores internos sobre o seu eu e o seu pai. (Ferreira, 2011, p. 56).

Nessa perspectiva, dentro de uma leitura psicanalítica, a árvore no poema “A árvore da serra” pode ser compreendida como uma metáfora da representação simbólica de um desejo sexual infantil, inconsciente e reprimido. Nesse contexto, a árvore simboliza o desejo do eu poético pela mãe, enquanto o pai, ao tentar cortá-la, assume o papel de agente da castração simbólica, ou seja, aquele que interdita o desejo e introduz o sujeito na ordem da norma e da renúncia.

Ferreira ao sugerir que o menino, ao ter seu desejo cortado pelo pai, experimenta um trauma que não é superado na infância e que retorna na vida adulta, confirmado por meio da relação entre outros poemas na obra *Eu*. Assim, a obra como um todo seria uma busca do poeta, ao revisitar a cena da perda, em ressignificar suas experiências em vida, reavaliando sua própria identidade, sua relação com o pai e com os desejos reprimidos. Para mim, leitor dos poemas anjosianos, ainda há muitas lacunas em cada uma das leituras realizadas pelos pesquisadores da obra *Eu e outras poesias*, o que exige novos estudos sobre o autor e sua obra.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

A análise do poema “A árvore da serra” evidencia a complexidade simbólica da obra de Augusto dos Anjos. A leitura estrutural inicial revelou como a forma fixa do soneto, a pontuação expressiva e a construção narrativa contribuem para instaurar um clima de tensão entre pai e filho, razão e emoção, vida e morte, matéria e espírito.

A partir da crítica de Iara Santos (2009), o poema ganha força como denúncia do modelo capitalista moderno, que instrumentaliza a natureza e anula subjetividades dissidentes. A árvore deixa de ser um objeto natural e torna-se símbolo de resistência, sensibilidade e conexão afetiva. A leitura de Santos projeta no poema uma utopia ecológica e ética, que propõe a reinvenção do humano através de uma relação respeitosa com a natureza.

Já a leitura de Vivaldo (2013) rompe com essa perspectiva e reforça o niilismo trágico de Augusto dos Anjos. Para o autor, não há possibilidade de redenção: a natureza é indiferente, destrutiva, uma “mãe-madrasta” que devora seus filhos. O poema, nessa chave, não sugere esperança ou ética, mas reforça a dissolução do sentido e o pessimismo radical da obra do poeta.

Em outra direção, a leitura biográfica discutida por Aleixo (2008) e no ensaio de Soares Feitosa sugere que a árvore representa um amor proibido da juventude do poeta, rejeitado pela família. A morte da árvore seria, portanto, a negação de um desejo afetivo profundo, associando o poema a um drama pessoal de perda.

Minha leitura pode ser interpretada como uma crítica às relações de poder e dominação que atravessam tanto o espaço familiar quanto a organização social. A figura do pai representa aquele que detém o poder e age de forma autoritária e egocêntrica, desconsiderando os apelos do filho. Essa dinâmica reflete, em escala ampliada, o comportamento de líderes ou autoridades que tomam decisões voltadas à própria conveniência, ignorando as vozes que suplicam por escuta e justiça.

Por fim, Ferreira (2011) propõe uma leitura psicanalítica: a árvore simboliza um desejo infantil, possivelmente de ordem sexual e edipiana, e o pai, ao cortá-la, representa o agente da castração. Essa interpretação enfatiza o trauma, a repressão e o retorno do desejo na vida adulta. A alternância entre o “pai” minúsculo (figura indiferente) e o “Pai” maiúsculo (figura sacralizada na morte) reforça o caráter simbólico das figuras parentais e a elaboração de lutos psíquicos ao longo da obra de Augusto dos Anjos.

Ao reunir essas leituras críticas, este artigo mostra que “A árvore da serra” é um poema de intensa riqueza simbólica. Suas camadas não se esgotam em uma única interpretação. Ele fala sobre a natureza, mas também sobre o desejo, sobre a ética, sobre o poder, sobre o amor, sobre o trauma e sobre a morte. Em tempos de crise ecológica, afetiva e social, a poesia de Augusto dos Anjos continua ecoando, nos lembrando que a destruição do outro, seja árvore ou seja pessoa, é também a nossa própria ruína.

## REFERÊNCIAS

ALEIXO, Elvis Brassaroto. **A expressão do sagrado budista na poesia de Augusto dos Anjos**. 196 f. (Dissertação de Mestrado). Campinas/SP: UNICAMP, 2008.

CANDIDO, Antonio. **O estudo analítico do poema**. 5. ed. São Paulo: Associação Editorial Humanitas, 2006.

FEITOSA, SOARES. A árvore da serra: um ensaio. In: **Jornal da Poesia**. Disponível em <<https://www.jornaldepoesia.jor.br/augusto.html#arvore>>. Acesso dia 25 de jun. de 2025.

FERREIRA, Renan Mendonça. **Conteúdos temáticos e ideológicos em Augusto dos Anjos**. 128 f. (Dissertação de mestrado). Vitória: Universidade Federal do Espírito Santo, 2011.

GOLDSTEIN, Norma Seltzer. **Versos, sons e ritmos**. 14. ed. São Paulo: Ática, 2008.

SANTOS, Iara Maria Carvalho Medeiros dos. **O Arbusto dos Anjos**. 154 f. (Dissertação de Mestrado). Natal/RN: Universidade Federal do Rio Grande do Norte, 2009.

VIVALDO, Leonardo Vicente. **Uma poética sobre NADA?: o niilismo em Augusto dos Anjos**. 150p. (Dissertação de Mestrado). Araraquara/SP: Unesp, 2013.